

Resenha bibliográfica

Documentos galegos

TÍTULO: *A Vida e a Fala dos De-vanceiros*. Escolma de documentos em galego dos séculos XIII ao XVI. Vigo, Galaxia, tomo I, Terras de Ourense, vol. I, 1967, 228 págs., vol. II, 1967, 479 págs.

EDITOR: Xesús Ferro Couseiro.

ASSUNTO: O Seminário de Estudos Históricos da "Fundación Penzol" encarregou a Ferro Couseiro de editar os textos básicos para o conhecimento do passado galego; os três primeiros volumes dirão respeito a Ourense, estando em preparo outras séries que compreenderão Santiago, Tui, Lugo e Mondoñedo. O primeiro destes volumes recolhe os documentos referentes aos mosteiros e aos particulares; o mais antigo texto aqui publicado é a carta de foro que no ano de 1244 "faz dona Toda aos homens que poblan a vila de Vilabona". O segundo publica os documentos do Conselho da cidade de Ourense, constituindo-se numa "animadíssima crônica do viver cotián dunha cidade da Baixa Idade Meia, que cuidamos serán poucas as que nos poidam oferecer unha cousa semellante" (vol. I, p. 8).

Informa ainda o editor que os documentos aqui trazidos à luz estão guardados na Secção Histórica do Arquivo Municipal de Ourense, distribuindo-se por oito livros conhecidos pela designação de "Libros de Notas do Concello". Eis aqui como foram capitulados ditos documentos nesta edição: a jurisdição e os ofícios do concelho, ordenanças e mandas, títulos, contratos e avenças, os judeus, querelas de mortes, roubos e agravos, a Santa Irmandade na cidade e nas Terras de Ourense, a ponte e a barca do Minho, impostos e rendas.

APRECIACÃO — Numa simples notícia bibliográfica como esta não caberia, naturalmente, proceder a uma análise do material filológico e linguístico entesourado nestes volumes. Façamos, pois, apenas duas observações marginais.

Primeiramente, lembre-se que em áreas editoriais desta ordem situam-se, do ponto de vista linguístico, numa linha de valorização dos chamados textos não literários (foros, usos, costumes, documentos notariais, etc.); já se demonstrou que nestes textos se recolhem muitas vezes traços da língua coloquial medieval não atestados nas obras de interesse artístico — e que vinham constituindo até aqui a principal fonte de conhecimento de nosso passado linguístico. Até mesmo um colóquio para o debate da matéria foi convocado, resultando daí a publicação do volume *L'Anciens textes romans non littéraires*, Paris, Klincksieck, 1963 (v. nossa resenha nesta folha, edição de 26 de fevereiro de 1966).

Em segundo lugar, o renascimento atual dos estudos galegos, de que a presente publicação é um atestado, neutralizou, é bom que se saiba, certos aspectos do quadro com que M. Rodrigues Lapa retratou essa cultura em seu famoso ensaio "Galiza e Portugal", *Anhembi* 60 (novembro de 1955), 490-504. Já se ensina língua e literatura galega na Universidade de Santiago de Compostela, estando encarregado do curso o Prof. R. Carballo Calero, autor da *Gramática Elemental del Gallego Común e da História da Literatura Galega Contemporânea*. A editora Galaxia, estabelecida em Vigo (Reconquista, 1), mantém uma linha apreciável de publicações, em que se encontram títulos de teatro, ficção, poesia, ensaios, filologia, literatura infantil; destaque-se a excelente revista *Grial*, que edita matéria de interesse linguístico e literário. Não é incomum

ler-se nos carros o dístico "falemos galego", numa prova de que o sentimento nacional não foi sufocado pela extraordinária presença da cultura castelhana em terras de Galiza.

Ataliba T. de Castilho

Visão de Brahms

TÍTULO — *Brahms*, Paris, Editions du Seuil, Collection Solfèges, s. d., 189 pgs.

AUTOR — José Bruyr, poeta, romancista, teatrólogo, musicólogo francês, autor de trabalhos sobre Grétry, Schubert, ópera, orquestra, Ravel, Honegger, história da música etc.

ASSUNTO — Vida e obra do compositor alemão Johannes Brahms (1833-1897).

APRECIACÃO — A coleção "Solfèges", já enriquecida de vinte e seis volumes no formato de bolso, além dum ótimo estudo de Roland de Candé sobre formação da discoteca, sempre timbrou em oferecer ao grande público da música uma série de monografias biográficas, em que os diversos compositores, de Palestrina a Webern, merecem análises claras e sucintas. Infelizmente, o livro sob epígrafe excepciona para pior. Muito embora seja o A. um espírito versátil e lucido, singularmente brilhante, sua maneira roça a "boutade", o perfunctório aforístico, o anedótico, enquanto o essencial ficou-lhe esquecido no tinteiro. Frases a-dogmáticas na aparência multiplicam centenas de interrogações, ditas extravagantes, inutilmente desnecessárias. Impossível encontrar um retrato de corpo inteiro, coerente, unitário da vida e a obra musical de Brahms, circunstância tanto mais indesculpável quando se sabe que a França, até há pouco infensa ao compositor, lançou o melhor de todos os estudos críticos, "Brahms", de Claude Rostand (Paris, Plon, 1954-56, 2 vols.).

Alguns exemplos de incongruência. Sustenta o A. que a Sonata em mi menor, para violoncelo e piano, op. 38, constitui "une oeuvre mineure dans la production de Brahms" (pág. 72). Tratando do "Requiem Alemão", refere-se aos "vienneois soumis à l'intransigente dictature catholique d'un Bruckner" (pág. 84). Mas onde foi o A. descobrir isso? Dita assertiva pressupõe: 1.º — Bruckner exercia à época um domínio político despótico sobre a vida musical austríaca; 2.º — que sua música sacra apenas cederia perante os clássicos da Primeira Escola de Viena (Haydn, Mozart, Beethoven, Schubert). Ambas hipóteses, absurdas, inaceitáveis, nem merecem comentário. O organista de Sankt Florian, tímido, modesto, obscuro, trabalhava em semi-anonimato, professando uma Cátedra do Conservatório Imperial...

O A. nega a Brahms a capacidade de orquestrar, à base dum surpreendente parecer de Alfred Cortot, verificando que os primeiros compassos do Concerto em ré menor, para piano e orquestra, op. 15, "fulgurant tempo de tempête, ne sont confiés qu'aux cordes seules" (pág. 115).

Obra capital do repertório violinístico, o Concerto em ré maior, op. 77, merece cinco magras linhas (pág. 128).

Cultor diuturno da Bíblia, luterano convicto, o A. converte Brahms, sem mais aquela... num agnóstico!!! (pág. 177).

Em que pesem estes poucos tópicos, verifica-se acodamento no preparo do volume, do que resultaram numerosas falhas revisionais. A Discografia (págs. 183-186) do repertório disponível na França, num aparente procedimento crítico, resulta confusa. Por entre conceitos superficialmente opinativos, misturam-se itens vocais e instrumentais.

A Sonata para pianoforte, op. 5, repetidas vezes consta indicada em fá maior, quando se sabe que sua tônica firma-se na clave menor (págs. 22, 24). O mesmo quanto ao Trio para piano, violino e violoncelo, op. 8: si maior, jamais si bemol (págs. 40, 42). Opus 18 é o Sexteto n.º 1, em

si bemol maior, para cordas. Não existe "Septuor" (pág. 73). Goethe empreendeu a célebre viagem hiberna às montanhas do Harz em fins de 1777, para visitar e consolar Plessing, abalado pela leitura do "Werther", publicado três anos antes (1774). Veja-se agora: "Le voyage (...) pour aller conforter l'une des nombreuses victimes de ce mal du siècle qu'il avait, trente ans plus tôt, "mis à la mode" avec son "Werther" (pág. 103). Assim, o romance teria sido escrito em 1744, quando o poeta contava... doze anos de idade!

Quem escreveu música sobre o poema de Goethe foi J. F. Reichardt (1752-1814) e Ruckert (pág. 104). "Opus" 67: Quarteto de cordas, e não "avec piano" (pág. 112).

A iconografia pareceu-nos excelente na escolha e disposição através do volume.

José da Veiga Oliveira

Interpretação de Pessoa

TÍTULO: *Estudos sobre Fernando Pessoa*, Caderno n.º 1 da Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 1969, 60 págs.

AUTORES: Cleónice Berardinelli, professora de Literatura Portuguesa e autora de vários ensaios, particularmente no setor da moderna literatura lusitana; e Diana Bernardes, também professora de literatura portuguesa e coordenadora do Instituto de Estudos Portugueses Pe. Augusto Magne, da PUC, dirigido pela primeira.

ASSUNTO: O grupo dos que no Brasil vêm estudando as mil e uma facetas da obra de Fernando Pessoa começa a pesar nos estudos fernandinos, merecendo destaque, entre os trabalhos mais recentes, o de Gilberto de Mello Kujawski, cujo "Fernando Pessoa, o Outro" deveria ter merecido melhor atenção dos críticos, pois se trata de um ensaio interessantíssimo e, por isso mesmo, importante.

Em Minas, José Afrânio Moreira Duarte publicou também o volume "Fernando Pessoa e os Caminhos da Solidão", que tem a vantagem e a desvantagem de pretender ser amplo, acabando por ser demasiado, mas não sem evidenciar a lucidez de um crítico que é jovem. Mais recentemente, o "Boletim do Gabinete Português de Leitura", dirigido em Porto Alegre pelo prof. Francisco Casado Gomes, dedicou um número especial ao poeta da *Mensagem*, iniciativa que em outra oportunidade comentaremos; por seu turno, o prof. Benedito Nunes reuniu no seu último livro "O Dorso do Tigre" quatro dos seus estudos fernandinos, devendo ainda assinalar-se o lançamento recente da versão que Pessoa fez de "A Voz do Silêncio" (de Helena Blavatsky), curioso volume prefaciado por Murillo Nunes de Azevedo.

Por tudo isto se observa que vêm convenientemente respaldados e em boa companhia os "Estudos sobre Fernando Pessoa", cinco dos quais são de autoria de Cleónice Berardinelli, sendo o 6.º estudo do caderno n.º 1 da PUC da autoria de Diana Bernardes. Acreditamos que nenhuma das autoras pretendeu fossem os seus trabalhos exaustivos, mesmo descendo ao tema específico que desenvolveram. O que exige acrescentemos a informação de que eles são válidos e oportunos.

Os três primeiros ensaios de Cleónice Berardinelli intitulam-se, respectivamente, "O Eu Profundo", "Os Vários Eus" e "Idéias Estéticas", e em todos eles — lê-se na explicação prévia — procurou-se apresentar a personalidade do autor através da sua própria obra de prosador, selecionando-se trechos de diário ou cartas, "em que se revela o homem sem (ou quase) os disfarces estéticos da criação propriamente literária"; outras deduções se fizeram a partir de ensaios sobre arte e, em especial, sobre literatura, pretendendo-se que por estes textos venha a definir-se o homem, caracterizando-se o crítico

co — "aquê, com sua aguda consciência da importância da vida, e este, com fina argúcia, às vezes desmentida".

O quarto estudo analisa "Mensagem" como se os textos do livro constituíssem um só poema "rigorosamente estruturado no sentido de dar uma importação personalíssima — ao mesmo tempo saudosista e messiânica — da missão de Portugal no mundo". Finalmente, o 5.º ensaio de Cleónice Berardinelli ("Antero de Quental e Fernando Pessoa") estabelece os laços e/ou aproximações das gerações de 1870 e de Orpheu.

Por seu turno, Diana Bernardes interessou-se por "Alberto Caeiro", apresentando "subsídios para um estudo estilístico da sintaxe em seus poemas"; trabalho com objetivos didáticos, mas importante na medida em que sugere várias perspectivas e abre até mesmo caminhos para estudos mais aprofundados.

De resto, parece que foi essencialmente a função didática que visaram as autoras destes "Estudos sobre Fernando Pessoa"; e, se assim foi, não há dúvida de que prestaram um excelente serviço cultural, ao tempo em que sugeriram fontes a explorar. O que não quer dizer sejam incompletos os seis estudos, porquanto, na realidade, eles cumpriram o objetivo essencial: interessar leigos e iniciados pela obra do grande poeta português.

João Alves das Neves

A literatura de 1930

TÍTULO — *The Thirties: Fiction, Drama, Poetry*, Deland, Florida: Everett Edwards, 1967, x + 253 pgs.

EDITOR CRÍTICO — Warren French.

ASSUNTO — Críticos da década dos 30 olham mais uma vez para a literatura produzida durante a Grande Depressão. O resultado é esta coletânea de ensaios estimulantes que avaliam a ficção, a poesia e o teatro da década dos 30. Warren French escreveu longos ensaios introdutórios a cada parte do livro, dando ao leitor uma necessária visão panorâmica do meio sócio-cultural dos 30, o qual nem sempre foi propício à produção da literatura como arte. O editor crítico explica que solicitou aos seus colaboradores principalmente estudos sobre romancistas que começaram a publicar naquele período; daí a ausência em suas páginas de James T. Farrell, John O'Hara e Nelson Algren, por exemplo.

Na ficção, autores bem conhecidos como Dos Parros, Wolfe, Hemingway, Faulkner, Fitzgerald, Steinbeck, Henry Miller, são estudados. Foram incluídos alguns autores menos conhecidos, como James Cain, cujo romance *The Postman Always Rings Twice* (1934) retrata o herói caelejado, insensível, tentando sobreviver numa sociedade onde predominam o orgulho, o dinheiro, o assassinato. A sobrevivência num mundo brutalmente violento é tema tratado pelos escritores de abastada *hard-boiled school*, entre os quais se encontram Hemingway, Cain, Farrell. A década dos trinta produziu também Nathaniel West, cujos poucos romances, todos bizarros e na tradição do "humor negro", estão muito em voga atualmente. Dentre os escritores proletários, Henry Roth com seu único romance *Call It Sleep* é um dos poucos a causarem interesse literário atualmente.

A década dos 30 não foi nada propícia à poesia. Warren French lembra que as experimentações poéticas de Eliot, Pound, Jeffers, Cummings e Hart Crane foram realizadas na década anterior. Lembra ainda que Marianne Moore e William Carlos Williams não estavam produzindo nada de interessante: suas experimentações mais importantes eram coisa do passado, e seus empreendimentos poéticos mais respeitados estavam ainda para vir. Wallace Stevens publicou *Ideas of Order* (1935) e *The Man With the Blue Guitar* (1937),

e Archibald Macleish estava fazendo do cenário social o domínio de sua poesia.

Se por um lado os trinta não produziram poesia de alto calibre, por outro, a década testemunhou o florescimento de uma teoria crítica cujos efeitos ainda perduram. No Sul, na década dos 20, fervilhava um movimento político-literário da direita, cujos membros empenhados em uma reforma agrária se apelidavam "The Fugitives". Allen Tate, John Crowe Ransom e Robert Penn Warren são alguns dos nomes famosos. Durante os trinta passaram a fazer crítica literária, a qual Ransom batizou de "Nova Crítica" em seu livro do mesmo nome publicado em 1941. Penn Warren editou livros de texto, *An Approach to Literature* (1936) e *Understanding Poetry* (1938), com a finalidade de ensinar nas universidades o estudo da literatura como literatura, independente da sociologia, da biografia, da psicologia. *Southern Review* e *Jenyon Review* passaram a ser os porta-vozes do novo movimento de crítica literária.

O teatro americano durante os trinta teve suas facetas interessantes. O'Neill produziu dois notáveis empreendimentos, *Mourning Becomes Electra* (1931) e *Ah, Wilderness* (1933). Maxwell Anderson e Robert E. Eberwood, estrelas de primeira grandeza durante o período, perderam muito de seu brilho, embora o A. do ensaio sobre Anderson ache que o dramataista merece maior atenção por parte do público contemporâneo. *The Time of Your Life* de William Saroyan continua a despertar interesse (a propósito, veja-se o sucesso que esta peça escrita há mais de trinta anos está tendo atualmente em New York desde seu lançamento há meses atrás).

A década viu a criação de alguns projetos notáveis com a finalidade de se incentivar a produção teatral. Os dramatasistas Maxwell Anderson, Sherwood, Elmer Rice, Sidney Howard, S. N. Bertram — o chamado "Grupo dos Cinco" — lançaram em 1938 o "Playwright's Producing Company", um esforço cooperativo para encenarem suas próprias peças. Algo semelhante acontecera no início da década com o "Theater Guild", o qual produziu um dramataista de importância, Clifford Odets. Mais notável ainda foi o empreendimento do próprio governo federal ao criar em 1935 o "Federal Theater Project" com o fim de subsidiar o teatro. O projeto, entretanto, surgiu não por causa do interesse do governo em criar arte mas sim em criar mais empregos numa época em que o problema do desemprego nos EUA era crucial. O "Federal Theater" encenou mais de mil e duzentas produções por todo o país, empregando no auge de sua existência, mais de treze mil pessoas relacionadas com atividades teatrais. O Congresso americano dissolveu o projeto em 1939 por estar sendo acusado pela direita intransigente, especialmente pela imprensa Hearst, de ser viveiro de atividades radicais, subversivas e esquerdistas.

O teatro musical dos trinta, embora ofuscado pelo sucesso de *Oklahoma* lançado na década dos quarenta por Rodgers e Hammerstein, teve seu brilho em *How to Succeed in Business Without Really Trying*, de Cole Porter. Produto genuíno da época foi, no entanto, o rádio-teatro. O rádio, ainda quase novidade no início os trinta, tornou-se o mais influente meio de comunicação antes do final da década. A leitura que Orson Welles fez de *A Guerra dos Mundos* de H. G. Wells em outubro de 1938 causou histeria em milhares de ouvintes.

APRECIACÃO: Idéias estimulantes, variados ângulos e pontos de vista com a perspectiva fornecida pela passagem de mais de um quarto de século, e a excelente organização dos ensaios escritos por especialistas no assunto fazem deste volume ótima introdução à literatura da Depressão. Destina-se ao estudante de literatura e àqueles que desejam se familiarizar com a época em questão. A bibliografia anotada orientará o leitor interessado em ler mais sobre um dos muitos tópicos abordados no livro.

Eloah F. Giacomelli